

AS TRANSFORMAÇÕES NOS FAXINAIS E SUAS NOVAS TERRITORIALIDADES: ESTUDO DE CASO EM PINHÃO-PR

Reginaldo de Lima Correia¹

limcorreia@gmail.com

Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes

marquiana@gmail.com

RESUMO

A mesorregião Centro Sul do Estado do Paraná, é marcada pela presença do chamado Sistema Faxinal, organização social, que articula produção animal e agrícola, cuja formação está condicionada ao quadro físico-natural da região (Floresta com Araucária), e um conjunto de fatores econômicos, políticos e sociais, que remontam ao século XVIII. O processo de modernização da agricultura e as políticas de povoamento do Estado, promoveram uma série de conflitos e transformações nas áreas de faxinal, de modo especial em Faxinal dos Ribeiros, situado no município do Pinhão-PR, que acabaram criando novas territorialidades. Diante deste contexto nosso objetivo é identificar e apresentar as transformações nos faxinais e a configuração das novas territorialidades, para isso utilizamos da pesquisa qualitativa. Os dados aqui apresentados fazem parte do nosso trabalho de dissertação junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNICENTRO-PR.

PALAVRAS-CHAVES: Faxinais, transformações, territorialidades.

ABSTRACT

The mesoregion South Centre of Paraná, is marked by the presence of the so called Faxinal system, social organization, which articulates the animal and agricultural production, whose formation is conditioned to the physical and natural setting of the region (Araucaria Forest), and a set of economic, political and social, dating back to the century XVIII. The agricultural modernization process and state population policies promoted a series of conflicts and transformations in the areas of faxinal, especially in Faxinal of Ribeiros, located in the city of Pinhao-PR, which ended up creating new territorialities. Face of this context our goal is to identify and present the changes in faxinais and the configuration of the new territoriality, for that we used qualitative research. The data presented here are part of our dissertation work by the Graduate Program in Geography of UNICENTRO-PR.

KEYWORDS: Faxinais, transformations, territorialities.

INTRODUÇÃO

¹ Mestrando em Geografia, Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO).

O processo de modernização da agricultura, juntamente com políticas de povoamento do Paraná, provocou uma série de conflitos socioambientais no campo. Nas áreas de floresta o processo de ocupação, justificou por vezes o desmatamento, e deixou o Paraná com poucos remanescentes. Muitos destes, por sua vez, são ocupados por comunidades tradicionais.

Neste contexto, a Mesorregião Centro-Sul do Paraná, é marcada pela presença da Floresta com Araucária (Floresta Ombrófila Mista ou Mata de Araucária), que em conjunto com os fatores econômicos, políticos e sociais, que remontam de forma indireta a atividade pecuária dos Campos Gerais no século XVIII, e mais diretamente à atividade ervateira na região da Floresta com Araucária, no século XIX, proporcionaram o desenvolvimento de um sistema social bastante característico desta Mesorregião: o Sistema Faxinal.

Por sistema faxinal entende-se as terras tradicionalmente ocupadas para o uso comum de pastagens e florestas no Paraná, que designam situações em que a produção familiar, de acordo com suas possibilidades, combina apropriação privada e coletiva dos recursos naturais (SAHR, 2008; GOMES, 2012; HAURESKO, 2012).

Porém a reprodução deste modo de vida está condicionada à manutenção da floresta, bem como do sistema cultural do qual faz parte. Muitos autores, porém, indicam que a modernização da agricultura, as leis ambientais, somadas a ausência de políticas públicas dirigidas a estes povos, tem levado a perda de caracterização dos faxinais e ampliado a dificuldade de sua manutenção.

Em 2004, um levantamento realizado por Marques, a pedido do Instituto Ambiental do Paraná (IAP), identificou apenas 44 comunidades rurais caracterizadas como faxinais. Este dado, foi questionado pela Articulação Puxirão², que por meio de outro levantamento (Meira et al, 2009) considera que existam 227 faxinais no Estado, número de unidades que supera mais de cinco vezes o levantamento de MARQUES (2004).

Esta contradição se explica porque o levantamento de Marques (2004), bem como as políticas públicas do estado para os povos faxinalenses, é baseado em um trabalho sociológico de 1988, realizado por Chang (1988), que utilizava da dimensão econômica desse sistema, juntamente com um conjunto de elementos para o classificar, principalmente, o criadouro comunitário, e que por meio das mudanças observadas à

²A Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses, é um movimento organizacional dos faxinalenses criado no ano de 2006, que traz em sua pauta de reivindicação o acesso a seus direitos territoriais resultantes de sua identidade étnica (HUARESKO, 2012).

época, projetava o fim deste sistema social em apenas 10 a 12 anos. Há uma diferença substancial entre o conceito e concepção do sistema proposto por Chang (1988) e apropriado por Marques (2004), e o utilizado pela Rede Puxirão, fatos esses que explicam as contradições nas pesquisas.

Estudos organizados por Almeida e Souza [orgs.], (2009), demonstram que os faxinais são palco de vários conflitos territoriais, o que têm levado a diferentes formas de resistência e criando novas territorialidades, que muitas vezes se diferenciam daquelas descritas por Chang (1988), e que são tidas como oficiais. Ou seja, os povos de faxinais se recriam a partir de um conjunto de processos transformadores do sistema e, isto, não necessariamente pode ser tomado como extinção do faxinal, mas sim como novas formas de organização, novas territorialidades.

O fato é que, passados praticamente duas décadas e meia da publicação da pesquisa realizada por Chang e dez anos do levantamento de Marques (2004), esta tese não se confirma. Esse modo tradicional de se viver ainda resiste em muitos municípios do estado do Paraná.

Dentre eles, o Município do Pinhão, na Mesorregião Centro-Sul. Este ainda preserva grandes áreas remanescentes da Floresta Ombrófila Mista, na qual o Sistema Faxinal resiste. Mas, assim como em outras mesorregiões do estado, também neste município, os faxinais sofreram importantes transformações em meio a diferentes conflitos territoriais.

Nesta pesquisa, buscaremos abordar estas diferentes transformações e conflitos, bem como analisar os processos de mudanças no Faxinal dos Ribeiros, situado no município do Pinhão/PR

Assim, em razão da natureza do nosso objeto, consideramos que a metodologia qualitativa, seja o melhor caminho metodológico que nos auxiliou no desenvolvimento desta pesquisa, pois nos proporcionou analisar com mais profundidade a realidade que estudamos, principalmente por se tratar de um grupo social. As informações aqui apresentadas são resultado de levantamentos bibliográficos e de observações participantes no território estudado. Esse ensaio faz parte de um trabalho maior, nossa dissertação de mestrado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO.

OS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO NOS FAXINAIS DO PARANÁ E NO MUNICÍPIO DE PINHÃO

Entender as diferentes transformações e conflitos nos territórios faxinalenses no Paraná implica em considerar diferentes fatores históricos, políticos, econômicos culturais e sociais no Estado, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Na mesorregião Centro-Sul do Paraná, estes processos conduziram sobretudo a mudança na apropriação social do território e na paisagem. Nesta última, chama-nos atenção os poucos remanescentes de Floresta com Araucárias ainda existentes.

Estes remanescentes têm sido fundamentais ecologicamente e socialmente, principalmente, quando associamos a floresta ao modo de vida de muitos sujeitos sociais cuja organização social está diretamente relacionada com este ambiente.

O sistema faxinal é um deles, pois nele a organização produtiva, social e cultural integra de forma muito particular os povos e as Florestas com Araucárias, uma simbiose responsável, de um lado, pela manutenção do sistema faxinal e, do outro, pela própria sobrevivência dos Pinheirais.

Entende-se por Sistema Faxinal as terras tradicionalmente ocupadas para o uso comum de pastagens e florestas no Paraná, que designam situações em que a reprodução social, familiar e territorial, de acordo com suas possibilidades, combina apropriação privada e coletiva dos recursos naturais (SAHR, 2008; GOMES, 2012; HAURESKO, 2012). O modo de vida faxinalense é caracterizado pelo uso comum das terras tradicionalmente ocupadas, conciliando as atividades agrossilvipastoris com conservação ambiental, visando a manutenção de sua reprodução física, social e cultural.

Já o termo faxinal é o usado para designar um tipo de vegetação (CHANG, 1988), caracterizada pela presença de Araucárias (*Araucária angustifolia*), Imbuais (*Ocoteia porosa*), Erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e uma vegetação rasteira típica denominada de vassouralajeana (*Baccharis uncinella*), que se diferem das áreas de plantar, onde eram realizadas as “culturas” (agricultura), sendo chamada de capoeira com vegetação mais esparsa.

Atualmente, o Sistema Faxinal expressa um conjunto de mudanças, fruto dos processos de modernização ocorridos nas áreas onde se desenvolvem. No Paraná, este sistema encontra-se no primeiro, segundo e terceiro planaltos, mas é nas Mesorregiões Centro-Sul e Sudeste onde se concentram seus remanescentes.

Neste trabalho, nossa atenção se concentra no Município do Pinhão, na mesorregião Centro-Sul, que tem em suas principais características a presença de grandes

áreas cobertas por Florestas com Araucária e por um contingente significativo de população tradicional, bem como por práticas na sua organização produtiva que se estruturam de acordo com a lógica do que a literatura denomina “sistema faxinal” (Porto, 2013).

Entendemos por população tradicional, *grupos culturalmente diferenciados* que ocupam, usam territórios e recursos para manter sua cultura, não vivendo apenas do culto ao passado, ou de um tempo que não mais existe, mas estando ligado à preservação de valores, de tradições e cultura.

Esta população mantém um modo de vida e organização socioespacial particular, ocupando e usando, de forma permanente ou temporária, terras tradicionalmente ocupadas e o ambiente (recursos naturais) como condição para sua reprodução cultural, econômica, religiosa, expressando uma diversidade de formas de existência coletiva e uma série de relações com os recursos da natureza (ALMEIDA, 2004).

O uso das terras tradicionalmente ocupadas dos faxinais é marcado pela existência de criadouros comuns, onde são criados animais a soltos, que circulam livremente, mantidos através dos vínculos de solidariedade e compadrio, e da existência das terras de plantar, onde se desenvolvem as atividades agrícolas.

O Sistema Faxinal numa dimensão histórica-econômica, proposta por CHANG (1988), foi definido, como uma organização camponesa característica da Região Centro-Sul do Paraná, cuja formação está condicionada ao quadro físico-natural da região (Floresta com Araucária), e um conjunto de fatores econômicos, políticos e sociais (e ainda diria culturais), que remontam de forma indireta aos tempos da atividade pecuária dos Campos Gerais no século XVIII, e mais diretamente à atividade ervateira na região da floresta com Araucária, no século XIX. Esse sistema se caracteriza pelos seguintes componentes (CHANG, 1988, p. 13):

(...) **produção animal**- criação de animais domésticos para tração e consumo com destaque às espécies equina, suína, caprina, bovina e aves;
produção agrícola- policultura alimentar de subsistência para abastecimento familiar e comercialização da parcela excedente, destacando as culturas de milho, feijão, arroz, batata e cebola; coleta de erva-mate- ervais nativos desenvolvidos dentro criadouro e coletados durante a entressafra das culturas; desempenhando papel fundamental de renda complementar.

Segundo levantamento realizado por Marques (2004) a pedido do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) em 2004, existiam 44 faxinais no Estado (Marques, 2004), todos em avançado processo de desintegração, porém, esse levantamento foi realizado levando em consideração as concepções que denominamos de histórica-econômica proposta por Chang, (1988), e que embasa grande parte das pesquisas sobre faxinais.

O trabalho de Chang (1988), tinha como projeção a “extinção” dos faxinais do Paraná em apenas dez/doze anos, dizendo que estes entrariam para a história. Hoje, após duas décadas e meia, esta tese não se confirma. Ainda observamos esse modo tradicional de se viver, embora o mesmo tenha sofrido, significativas alterações.

Em contraposição aos dados de Marques (2004) que identificou 44 Faxinais no Estado do Paraná, a Articulação Puxirão, por meio de outro levantamento (Meira et al, 2009) considera que existam 227 faxinais no Estado, número de unidades que supera mais de cinco vezes o levantamento de MARQUES (2004).

A diferença substancial entre uma metodologia e outra está no fato do uso do conceito de Faxinal. Enquanto alguns pesquisadores, a exemplo de Marques (2004), analisam o sistema a luz do conceito proposto por Chang (1988), ignorando a dinâmica do próprio sistema em virtude da intensa modernização do campo. Os movimentos sociais, neste caso, a Articulação Puxirão (Meira et al, 2009), resignificaram o conceito a partir destas mudanças e das condições situacionais dos povos faxinalenses e, identificam como sistema faxinal todos aqueles que se reorganizam para resistir no campo e reproduzir seu modo de vida mesmo que para isso, tenham sacrificado partes das suas formas de reprodução.

Pois os faxinalenses, nestes últimos anos têm se reinventado para permanecer em seus territórios e reproduzir suas práticas socioculturais. Embora, muitas delas, tenham sido impossibilitadas em virtude dos processos de modernização, algumas permanecem e outras foram redimensionadas (SOUZA, 2009).

O termo faxinalense trata-se de uma auto-denominação, dos moradores dos faxinais, sendo uma questão identitária, que podem ser entendidas em seus aspectos territoriais como a condição de existência, caracterizada pelo seu modo de viver. Este modo de viver, se dá pelo uso comum das terras tradicionalmente ocupadas, conciliando as atividades agrossilvipastoris com conservação ambiental, visando a manutenção de sua reprodução física, social e cultural (PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL, 2008).

Assim, não entendemos o Sistema Faxinal apenas no sentido restrito da presença do criadouro comunitário, mas acreditamos que este modelo se recriou ao longo das últimas décadas, ao invés de se desintegrar totalmente, criando novas territorialidades ou se (re) territorializando.

Desta forma, fundamentados em Souza (2009), que leva em consideração a dinamicidade do sistema e em observações empíricas realizadas nas comunidades de faxinais do Município de Pinhão - Paraná, encontramos expressa na paisagem, características típicas de faxinais como a criação de animais a solta e as lavouras (embora estas sejam quase ausentes). Quando existentes, estão cercadas, a floresta preservada, mas com mata rala, a atividade extrativista da erva-mate e do pinhão permanecem, assim como, as ações religiosas populares e os laços de compadrio e solidariedade, como descritas por HAURESKO (2012) e SAHR (2008).

Segundo Souza (2009), esta condição do criadouro comum é situacional e que existiram durante as últimas duas décadas processos de reorganização social, ou uma nova territorialização que implicou em uma nova unidade sociocultural. Esta levou os faxinalenses a se mobilizarem em prol de suas práticas tradicionais, as “redesenhando de acordo com as possibilidades que dispõe sua reprodução social e física”. (SOUZA, 2009, p.47).

Souza (2009) atenta para o fato de que as características produtivas se modificaram, especialmente, no que se refere à drástica redução das áreas de uso comum, bem como das áreas de floresta, reduzido ou impedido pelo uso privado. Assim, os faxinalenses que dispunham de terras, reorganizaram suas práticas tradicionais nas condições em que são possíveis de reproduzi-las, selecionando e reduzindo as criações, ou até mesmo extinguindo-as (principalmente, as de pequeno porte, como cabritos e porcos), edificando “mangueirões³” ou “potreiros” onde grupos familiares e/ou vizinhos que estabelecem consenso para criar em conjunto, em oposição a outras atividades ou granjas que banem as raças crioulas.

Isso evidencia aquilo descrito por Sahr (2008), em que as comunidades faxinalenses veem-se em situações conflituosas, mas que buscam manter as características tradicionais,

³ Os mangueirões para Souza (2009) podem ser entendidos como local onde os animais são criados em confinamento, ou seja, cercados, mais que nos faxinais variam de tamanho, e que muitas vezes são coletivos, já no caso do Faxinais dos Ribeiros os mangueirões são áreas cercadas onde os animais tem livre circulação e no seu interior também se encontram as residências de muitos faxinalenses.

num processo de integração sistêmica, e também integrando-se socialmente, sem perder aquilo que é característico ao faxinal.

Pode-se observar então, que muitos faxinalenses têm buscado novas territorialidades, reinventando o “criadouro comunitário”, mesmo que muitas vezes este esteja restrito a um “mangueirão”, onde as criações podem circular livremente, mas que não perde seu caráter coletivo, pois muitas vezes não só familiares, mas também os vizinhos se reúnem para cercar determinada área e ali constituir o “criadouro comunitário”.

AS TRANSFORMAÇÕES NO FAXINAL DOS RIBEIROS

As transformações no Município do Pinhão se intensificaram a partir dos de 1950, sendo marcante a instalação da Indústria madeireira na região. A Indústria João José Zattar S/A, que explorou amplamente as Florestas com Araucárias do Município.

A madeireira João José Zattar S.A. foi fundada em 1943, iniciando sua atuação como uma serraria no atual município de Teixeira Soares-PR (então pertencente a Irati), de onde se deslocou para Pinhão na década seguinte, seguindo a marcha das serrarias (Salles, 2013).

Com a chegada da madeireira Zattar e suas serrarias, houve grandes transformações no território, no ambiente e na vida da população, podemos citar o exemplo do direito à terra que, até então era estabelecido através da posse no sistema faxinal, passa a ser por titulação⁴. Amplia-se também os interesses econômicos nas áreas de faxinais, principalmente, pela exploração do mate e das madeiras de lei.

Os territórios de mata, tidos como “ociosos” pelo estado, já eram habitados tradicionalmente pelos faxinalenses quando a madeireira ali se instalou, deu-se início há inúmeros conflitos, como no caso do Faxinal dos Ribeiros.

No Faxinal dos Ribeiros os faxinalenses foram proibidos de deixar seus animais soltos como tradicionalmente o faziam, foram obrigados a construir cercas, que desde então, passaram a compor a paisagem faxinalense.

⁴ A partir de 1850 no Brasil, com a lei de terras, o direito à propriedade era garantido por meio dos títulos em cartório, mas no Município do Pinhão esta regra não foi observada, devido a quantidade de terras que dispunha, sem necessariamente haver conflito de interesses.

Outros conflitos dizem respeito as queimas de casas e de paióis, matanças de animais, ameaças de morte, tiroteios contra casas e assassinatos, sempre quando os faxinalenses se recusavam a cumprir com os termos da empresa (AYOUB, 2013).

Segundo Ayoub (2013) a madeireira chegou a possuir sete mil escrituras de terra no Município de Pinhão, a qual relata que a grande obtenção de alqueires foi possível porque os contratos de venda de pinheiros eram na verdade contratos de venda das terras, pois a população, que naquela época era de maioria analfabeta, assinava contratos confiando que estava vendendo o “pinheiro em pé”⁵, mas na verdade estava abrindo mão de suas propriedades. Esse processo de grilagem, através da assinatura de contratos, persistiu desde a década de 1950 até finais da década de 1980.

A Indústria Zattar não restringiu suas atividades somente a exploração da madeira, diversificou-as. Nas áreas de faxinais ela passou a trabalhar com o extrativismo de erva-mate e nas “terras de cultura”⁶ soltou cabeças de gado. A erva-mate é importante fonte de renda das famílias, quando a indústria passa a fazer o extrativismo, inicia-se além de uma série conflitos, graves problemas de ordem econômica e de sobrevivência dessas populações.

A população porém continuou residindo nas áreas que a Indústria havia documentado em seu nome, porém, foram obrigados a estabelecer contratos de arrendamento, segundo os quais, a população não poderia retirar nenhum tipo de material vegetal das terras, e deveriam pagar um terço da produção em troca do direito de continuar morando nesses territórios (AYOUB, 2013).

Os conflitos então tenderam a aumentar devido a necessidade da retirada de materiais vegetais por parte dos faxinalenses (principalmente a erva-mate), e a pressão exercida pela indústria, através de seus seguranças (guardas, ou jagunços, como popularmente, são conhecidos em Pinhão, que constituía uma certa “segurança patrimonial” armada e que andava com uniformes típicos [Ayoub, 2013]).

⁵ Forma de aquisição dos Pinheirais pelas serrarias, mantendo a terra para o dono original. Esta forma foi muito utilizada no Paraná, porém, muitas famílias foram enganadas com os documentos e outras foram até ameaçadas (Gomes, 2012).

⁶ Trata-se de terras utilizadas para produção de alimento. Estas áreas são denominadas de Terras de Plantar, Terras de Cultura ou Paiol pela população local.

Na década de 1970, a empresa passa a realizar a medição⁷ e levantamento das áreas por ela documentada irregularmente, e nos fins dos anos de 1970 e início de 1980, passa a vender essas terras para sitiantes de fora do município do Pinhão. Todavia, esses sitiantes que adquiriam as terras da Indústria foram impedidos de obter a documentação dos seus terrenos, pois estes haviam sido penhorados pela Indústria.

Esses “novos vizinhos” tornaram-se agentes com os quais os antigos moradores tiveram de negociar divisas e usos do território. Já os fazendeiros e alguns outros pequenos proprietários, vindo de fora, marcaram ainda mais o quadro de conflito com os moradores tradicionais e Segundo AYOUB (2013, p. 178):

A chegada dos “vindouros” estabeleceu, por um lado, nova tensão com os moradores locais, devido às diferentes concepções de produção dos dois grupos – o primeiro tendo como base de seu sistema a agricultura e a criação fechada, e o segundo a lavoura protegida e a criação aberta de animais. Gerou, também, uma nova categoria de “posseiros”: não mais aqueles que não possuíam documentos de propriedade por terem ocupado o território no sistema de terras livres, mas também aqueles que, embora comprando suas terras, não tiveram acesso aos documentos devido às irregularidades no processo de venda.

Desta forma, Sonda e Bergold (2013, p. 19), alertam para as implicações desse processo:

Os interesses conflitantes sobre o uso e ocupação de um mesmo território gera disputas territoriais: grilagens, titulações ilegais ou que dão a terra como um privilégio, genocídio das populações tradicionais, ocupações de terra praticadas pelos movimentos sociais de luta pela terra, reintegrações de posse, ações de usucapião, processos de regularização fundiária, ações judiciais envolvendo demarcação de territórios indígenas e quilombolas, entre outras.

O que atualmente se percebe, é um reflexo de um processo histórico de luta pela terra e pela permanência na terra, por preservação de suas identidades. Independente da sua condição social e de posse da terra, com ou sem título, natural do município do Pinhão, ou descendentes de famílias que vieram de outros lugares para o município nas áreas de Faxinais, os faxinalenses possuem um modo de ser e estar neste território.

⁷ Segundo entrevista realizada em 12/05/2014, com um faxinalense foi a partir da década de 1970, que a Indústria Zattar passa a realizar o levantamento das áreas documentadas em seu nome e realizar a medição, e que aqueles que possuíam os documentos da terra, que era uma minoria, tinham suas áreas delimitadas, porém a grande maioria eram posseiros e não possuíam os documentos, sendo assim a Indústria passou a ser a proprietária de mais de 70% de Faxinal dos Ribeiros.

Ao retirar as possibilidades de reprodução do sistema faxinal, a nova ordem produtiva ampliou os problemas sociais na região e, como citado, também, desintegrou em parte uma forma singular de relação entre sociedade e natureza, um modo de se relacionar com a terra, realizado por caboclos, desde o século XIX e que também foi adotado, com adaptações, pelos colonos eslavos, poloneses e ucranianos, no final do mesmo século (HAURESKO, 2012).

As transformações históricas supracitadas, conduziram as mudanças nos faxinais que se deram, principalmente, por três motivos: 1- a não existência da floresta, nem de um espaço suficiente para que a criação coletiva aconteça. 2- a falta de subsídios e a pressão capitalista sobre os agricultores, pois aqueles que buscam permanecer no sistema são obrigados a conviver com os conflitos, principalmente, com os proprietários ao entorno, que produzem sob a lógica do mercado; 3- a pressão do mercado que atua sobre as terras. O faxinalense descapitalizado, não vendo alternativas de subsistência, acaba cedendo e vendendo as terras; Aqueles que permanecem são, geralmente, os mais velhos, pois os jovens, pela ausência de opções, buscam a cidade, fato que, muitas vezes, leva à venda definitiva da propriedade (GOMES, 2012).

Além destes processos, vale ressaltar que as transformações advindas com a modernização da agricultura, com a ação das madeireiras, repercutiram diretamente na vida da população do campo e da cidade. Isso porque os processos de modernização da agricultura e exploração das Florestas expropriaram uma grande quantidade de sujeitos sociais que, ao estarem à margem do sistema econômico, não tiveram opção de permanência no campo. Essas transformações criaram novas territorialidades no Faxinal dos Ribeiros, como formas de resistência frente aos processos transformadores do território.

AS NOVAS TERRITORIALIDADES EM FAXINAL DOS RIBEIROS

O território é carregado de valores e símbolos, sejam econômicos, culturais, políticos ou ambientais, que se manifestam em um campo simbólico, onde o território se torna motivo de luta entre grupos antagônicos que se materializam nesse espaço, construindo territorialidades distintas que se diferenciam das demais, criando ou desenvolvendo uma identidade para cada território (Denez, 2011), ou seja, “a

territorialidade é criada no seio do território e expressa a identidade, isto através das várias relações que ocorrem no território”. (DENEZ, 2011, p. 25).

O conceito de territorialidade está relacionado aos vínculos que um grupo ou indivíduo possui com um ou mais território podendo estes ser físicos ou imateriais, como algo subjetivo, ligado a percepção. Entendemos que para identificação e reconhecimento das territorialidades, é necessário recorrermos as identidades individuais ou coletivas, manifestando-se em todas as escalas espaciais e sociais, ou seja, as territorialidades são a “face vivida” do poder (CANDIOTO e SANTOS, 2009).

Mas quais são esses vínculos territoriais específicos no Faxinal dos Ribeiros? É justamente o modo de viver faxinalense, essa face vivida, citada por Candioto e Santos (2009), que faz essa comunidade rural, manter característica de um sistema social. Relações estas construídas nos últimos cem anos, embora tenha sofrido várias transformações territoriais. Com isso, não há uma única territorialidade, mas sim várias, resultado das mudanças no tempo e espaço.

Assim, em um mesmo território podemos identificar diversas territorialidades e atores envolvidos, lembrando que as territorialidades também estão no âmbito individual, e que cada indivíduo também possui múltiplas territorialidades (Haesbaert, 2004), e que tanto os territórios como as territorialidades são dinâmicos e encontram-se em constante processo de transformação (CANDIOTO e SANTOS 2009).

Almeida (2004), defende que a territorialidade, principalmente, quando se trata de um povo ou comunidade tradicional, funciona como fator de identificação, defesa e força, que se desenvolve por meio de laços solidários e de ajuda mútua, que elaboram um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum e essencial. Por isso, a noção de “tradicional” não se reduz à história e incorpora as identidades coletivas redefinidas situacionalmente, através das territorialidades específicas indicam uma forma de mobilização.

Criam-se desta forma territorialidades passivas e ativas (Dematteis, 2008), que se encaixam bem em nosso objeto de estudo. Nas formas de territorialidades passivas, são transferidas aos sujeitos locais comportamentos pré-definidos pelas estruturas de controle do território, de acordo com os agentes externos, sem que possam agir de maneira própria, ou seja, o que se deve produzir, de que forma produzir, onde produzir.

Identificamos e relacionamos as territorialidades passivas com a chegada a Indústria Zattar, que através da imposição de regras, tenta dominar o território faxinalense,

proibindo os animais de circularem livremente, construindo cercas, impondo contratos, proibindo a extração da erva-mate.

Os novos moradores também alteram este cenário, pois junto com eles chegam territorialidades que muitas vezes são opostas a do faxinalense, e nesse caso, as situações conflituosas tendem a aumentar, principalmente, no que diz respeito a criação de animais a solta por parte dos faxinalense, e as lavouras ou pastagem dos novos moradores.

Já na forma de territorialidade ativa, os sujeitos locais, configuram suas ações, suas estratégias de resposta/resistência com relação as imposições de controle, contribuindo para realizar mudanças e inovações formada pelo conjunto de relações e interações entre os sujeitos (DEMATTEIS 2008).

Desta forma, ao encontrarmos na área de faxinal criadouros comuns em forma de grandes mangueirões coletivos, onde se podem criar os animais à solta, identificamos uma forma de territorialidade ativa em relação ao controle imposto por outros vizinhos em relação a criação dos animais de pequeno porte à solta (porcos e cabritos). Assim contribuindo para a recriação/reinvenção, resistência do modo tradicional de se viver no Faxinal dos Ribeiros.

Essas territorialidades dão identidade ao local, numa espécie de território patrimônio, ou seja, a territorialidade, como um componente do poder, não é apenas uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado (HAESBAERT, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos desta forma que as transformações constituíram o Faxinal dos Ribeiros, não como um único território, mas territórios, com geografias próprias, construídas historicamente por meio das diferentes dimensões econômica, política e cultural, onde a natureza é vista como recurso para a organização social, para a manutenção de territorialidades, que se constituem através de relações simbólicas e materiais. Ao longo da história estes processos se territorializam, desterritorializam e reterritorializam, numa sucessão de diferentes territorialidades.

E que o Sistema Faxinal tem se demonstrado dinâmico, encontrando diferentes formas de se manter frente aos processos de transformação do campo paranaense, não se extinguindo conforme as projeções já apresentadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA. A.W. B. de. Terras Tradicionalmente Ocupadas: Processos de Territorialização e Movimentos Sociais. In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, V.6, N.1 / Maio, 2004, p. 09-32.

AYOUB. D. Os posseiros do Pinhão-conflitos e resistência frente a indústria madeireira. In: PORTO. L.; SALLES. J.O.; MARQUES. S.M.S. (orgs.). **Memórias dos povos do campo no Paraná-Centro-Sul**. Curitiba: ITCG, 2013.

CANDIOTTO. L.Z.P.; SANTOS. R.A. Experiências Geográficas em torno de uma abordagem territorial. In: SAQUET. M.A. & SPOSITO. E.S.. (orgs.). **Territórios e Territorialidades: Teoria, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, 315-340.

CHANG. M.Y.. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro Sul do Paraná. Londrina: IAPAR, 1988.

DEMATTEIS. G.. Sistema Local Territorial (Slot): um instrumento para apresentar, ler e transformar o Território. In: ALVES.A.F.; CARRIJO. B.R.; CANDIOTTO. L.Z.P. (orgs.). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 33-46.

DENEZ. C.C.. A produção e representação de estruturas territoriais: O caso do Assentamento 08 de Abril-Jardim Alegre/PR. **Dissertação de Mestrado**. Setor de Ciências Agrária e Ambientais, Universidade Estadual do Centro Oeste, Programa de Pós Graduação em Geografia, Guarapuava, 2011.

GOMES. M.F.V.B.. **Cartografias da Paisagem**: Trajetória Socioambiental de Guarapuava. Guarapuava. Ed. UNICENTRO, 2012.

HAESBAERT. R.. **O Mito da Desterritorialização**: do fim do fim dos Territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

HAURESKO. C.. **Lugares e Tradições**: As comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

MARQUES, C. L. G. **Levantamento preliminar sobre o sistema faxinal no estado do Paraná**. Guarapuava, 2004. 192 p. (Relatório Técnico) – Instituto Ambiental do Paraná.

MEIRA. A.M.K.. VANDRESEN. J.C.. SOUZA. R.M. Mapeamento Situacional dos Faxinais no Paraná. In: ALMEIDA. A.W.B.. SOUZA.R.M.(orgs.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, 2009.

PORTO. L.. Uma Reflexão sobre os faxinais: meio-ambiente, sistema produtivo, identidades políticas, formas tradicionais de ser e viver. In: PORTO. L.; SALLES. J.O.;

MARQUES. S.M.S. (orgs.). **Memórias dos povos do campo no Paraná-Centro-Sul**. Curitiba: ITCG, 2013. P. 59-79.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL. **Faxinalenses do Sul do Brasil**. Rebouças/PR, setembro de 2008

SAHR. C.L.L.. Os “mundos faxinalenses” da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. In: **Terr@Plural**, Ponta Grossa, 2 (2): 213-226, jul./dez., 2008. p. 213- 226.

SALLES. J. O.. João José Zattar S.A.: disputas sociais, legitimidade, legalidade. In: PORTO. L.; SALLES. J.O.; MARQUES. S.M.S. (orgs.). **Memórias dos povos do campo no Paraná-Centro-Sul**. Curitiba: ITCG, 2013.

SONDA. C.; BERGOLD.R.C.; Paraná: terra, floresta e gentes. *In*: PORTO. L.; SALLES. J.O.; MARQUES. S.M.S. (orgs.). **Memórias dos povos do campo no Paraná-Centro-Sul**. Curitiba: ITCG, 2013

SOUZA. R.M.. Mapeamento Social dos Faxinais do Paraná. In: ALMEIDA. A.W.B.. SOUZA.R.M.(orgs.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, 2009, p. 29-88.